

argutas dão o tom, ao longo da centena e meia de páginas. Alguns exemplos merecem ser mencionados. Na Hungria, uma entrevistada vê um pequeno e obsoleto automóvel *Trabant*, fabricado na Alemanha Oriental, que polui oito vezes mais que qualquer carro da Alemanha capitalista e afirma: "um regime que em 30 anos só é capaz de fabricar um *Trabant* tem alguma coisa de errado. Não há esperança" (p.29). Na mesma Hungria, outro entrevistado fala que muitos italianos vão para lá atrás das belas mulheres húngaras: "há quem diga que esta diversão é boa e barata e se você não tem mais nada a fazer, é uma bela solução" (p. 35). É bom não esquecer que "Cicciolina" é húngara e faz tanto sucesso na Itália que até foi eleita deputada. Bial e Renée notam os dentes estragados do filho de Tadeuzs Mazovietsky, primeiro-ministro da Polônia e disparam que isso é "um dos sinais mais evidentes e onipresentes da falência do sistema de saúde socialista" (p.60). Chamam a atenção para os baixos salários na Romênia, onde um arquiteto de nível ganha menos de 10 dólares por mês (p.77), bem como para o fato de que a Stasi (extinta polícia secreta da RDA) tinha cerca de 200 mil agentes, sem contar os inúmeros informantes. Entretanto, o mais engraçado e curioso pode ser encontrado no capítulo reservado à Albânia, de autoria de Bial, cuja abertura é uma paródia das histórias de Asterix, o Gaulês (p.143). Fala do descontentamento camuflado e medroso da população (p.150); que o sexo antes do casamento é um tabu e que o homossexualismo ainda é "proibido por lei, dá cadeia" (p. 146); que em Tirana, capital do país, todos têm liberdade de ir e vir, "contanto que seja de um lado para outro da praça" (p.144), conforme falam os mal-dosos. Num momento de exasperação, escreve que "nenhum estado tem competência para cuidar de ninguém", mas que sem a sua intervenção, "os homens simplesmente se devoram". Conclui que é preciso encontrar a terceira margem do rio. "Lembro da anedota moscovita: 'O capitalismo é o sistema da exploração do homem pelo homem. O comunismo é exatamente o contrário...'" (p.155). □

COMISSÃO DE FÁBRICA E TRABALHADORES NA INDÚSTRIA

IRAM JÁCOME RODRIGUES
São Paulo, Cortez, 1990,
172 páginas.

□ Por Fernando C. Prestes Motta
Professor Titular do
Departamento de Administração
Geral e Recursos Humanos da
EAESP/FGV.

Não é mais um livro sobre participação. Trata-se de um trabalho que, salvo melhor juízo, já surge como leitura inevitável para a pesquisa e compreensão das relações de trabalho no Brasil. Iram Jácome Rodrigues, professor da Faculdade de Economia e Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em *Comissão de fábrica e trabalhadores na Indústria* analisa com impecável fundamentação teórica e invejável discernimento um dos fatos novos das relações de trabalho em nosso país, algo que entra na cena política do final dos anos setenta e nos anos oitenta, qual seja, a organização dos trabalhadores a partir do local de produção, instituindo organismos de representação operária conhecidos como comissões de fábrica, de forma semelhante ao que vem caracterizando o movimento operário, pensado em termos do capitalismo internacional.

Desempenhando papel significativo nas greves da região do ABC paulista nos últimos anos da década dos setenta, essas comissões de fábrica apresentam-se, por vezes, como autônomas face aos sindicatos operários respectivos e, por vezes, fortemente a eles vinculadas, no que se refere à sua atuação. Na medida em que tais organismos não eram previstos pela legislação sindical, podendo, portanto, agir de forma muito mais dinâmica do que o sindicato, não eram restringidos nem por ele, nem pelos órgãos governamentais, tais como o Ministério e a Justiça do Trabalho.

Leôncio Martins Rodrigues tece essa consideração na apresentação

do livro, salientando o caminho percorrido pelo autor na análise da comissão de fábrica em uma das grandes montadoras da indústria nacional naquela virada de década.

A questão dos sindicatos atrelados ao Estado, possibilitando a coerção paternalista exercida pelo segundo em relação ao primeiro, é algo que precisa sempre ser considerado no exame de estrutura sindical brasileira. Esse fato tem sido evidenciado em um bom número de estudos sobre sindicalismo e relações de trabalho em geral, entre os quais estão análises realizadas por Azis Simão, Heloisa Helena de Souza Martins e Sérgio Amad Costa. Essa situação, como demonstra o estudo de Iram Jácome Rodrigues, convive com movimentos tendentes à criação de formas autônomas de organização. É isso que torna possível vislumbrar manifestações de resistência e luta, de afirmação de verdadeira cidadania, de comunicação, negociação de reivindicação e cooperação que coexistem no campo de força das relações de trabalho, em níveis de complexidade e organização diversos.

É importante observar o caráter democrático que a comissão de fábrica tende a assumir na luta operária. Pensando em casos diversos, brasileiros e outros, ela parece significar a substituição de relações entre desiguais por relações entre iguais. Isto ocorre tanto entre os muros da fábrica como nas demais instituições sociais. A dialética permeia as relações de dominação e resistência nas organizações de sociedade capitalista. Historicamente, os trabalhadores têm lutado pela democracia, sob forma de comissão de fábrica ou conselho operário, onde o poder é atributo das assembléias gerais, eixo central tanto dos debates quanto das decisões. Muitos estudiosos entendem que é a estrutura interna dessas comissões, bem como seus objetivos e atividades, que definem seu caráter. Essas considerações referem-se naturalmente às comissões de fábrica em situações muito diversas. Servem, entretanto, de pano de fundo para o caso que Iram Jácome Rodrigues tão bem descreve e analisa. □